



Evento: XXVII Jornada de Extensão

ILUMINAÇÃO CÊNICA APLICADA A ESPETÁCULOS CIRCENSES: A LUZ COMO ELEMENTO TÉCNICO E NARRATIVO¹

Livia Sausen Hartmann², Dionatan Mânica dos Santos³

¹ Projeto de extensão desenvolvido e financiado pela Unijuí;

² Estudante do curso arquitetura e urbanismo, bolsista do PROGRAMA UNIJUÍ DE INCENTIVO AO ESPORTE E À CULTURA.

³ Produtor cultural do projeto CIA CADAGY CORPO E MOVIMENTO.

INTRODUÇÃO

A Cia CADAGY – Corpo em Movimento é um grupo de extensão cultural formado por estudantes universitários e voluntários da comunidade, que desenvolve apresentações circenses em diferentes espaços, nem sempre adequados aos espetáculos, exigindo adaptações às características de cada ambiente.

Essas adaptações envolvem aspectos físicos, especialmente a iluminação, foco deste trabalho. De Bem (2021) destaca a relação entre luz, espaço e matéria na composição cênica, considerando sua influência na percepção do espectador.

A iluminação envolve distribuição, intensidade, direção, cor e contraste. Hara e Pereira (2019) ressaltam que sua qualidade depende não apenas da quantidade de luz, mas também de sua distribuição. Na cena, esses aspectos permitem revelar, ocultar e destacar elementos, relacionando-se aos requisitos da ABNT NBR ISO/CIE 8995-1 (ABNT, 2013).

Nesse contexto, o trabalho analisa o espetáculo “Contos Irmãos Grimm: Era uma Vez no Circo”, da Cia Cadagy, relacionando a iluminação arquitetônica e cênica às características dos ambientes e discutindo a luz como recurso técnico, cenografia efêmera e instrumento narrativo.



METODOLOGIA

O estudo desenvolveu-se com base em pesquisa bibliográfica associada a estudo de caso. Inicialmente, foram levantados conceitos relacionados à iluminação arquitetônica e cênica, como percepção visual, distribuição luminosa, contraste, cor e relação entre luz, espaço e matéria, posteriormente aplicados à análise do espetáculo “Contos Irmãos Grimm: Era uma Vez no Circo”, da Cia Cadagy, nos diferentes espaços em que foi apresentado. Os ambientes foram caracterizados quanto ao uso original, condição de espaço aberto ou fechado, dimensões, materiais predominantes e disponibilidade de equipamentos de iluminação. A partir dessas características, buscou-se interpretar o comportamento da luz em cada local e sua relação com os artistas, a cenografia e os diferentes momentos da apresentação. A vivência da autora como artista performer fundamentou a identificação e a descrição dos espaços analisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização da luz como elemento de composição espacial e cênica está relacionada às transformações da própria linguagem teatral. Com o desenvolvimento da iluminação artificial, a luz deixou de exercer somente a função de permitir a visualização dos artistas e passou a participar da construção estética da cena. De Bem (2021) aponta que luz, espaço e matéria estabelecem relações fundamentais para a construção da imagem cênica, fazendo com que a iluminação participe da percepção e da composição do espetáculo.

A iluminação de um espaço arquitetônico possui características relacionadas à sua configuração, às aberturas, às superfícies e aos sistemas artificiais disponíveis. Ao ser incorporada ao espaço cênico, porém, passa a ser utilizada de maneira intencional para modificar a percepção do ambiente e direcionar a atenção do espectador. Teixeira e Freitas (2022) destacam que a luz pode complementar um cenário e, em determinadas situações, tornar-se a própria cenografia.

Em espaços fechados, os materiais presentes interferem na maneira como a luz é percebida, podendo absorver, refletir ou difundir parte da iluminação. Essas características alteram a percepção de cores, texturas e volumes. A iluminação também pode revelar determinadas superfícies e ocultar outras, criando diferentes níveis de destaque dentro de



uma mesma área. Teixeira e Freitas (2022) demonstram que a luz pode assumir papel cenográfico, estabelecendo relações entre cenário, artistas e espaço.

A direção e a intensidade da luz também interferem na percepção visual. Uma mesma área pode apresentar diferentes características conforme a posição e a intensidade da fonte luminosa, além da presença de cores e sombras. A iluminação frontal, lateral, contra-luz ou zenital produz diferentes relações entre corpo e espaço, podendo ressaltar volumes ou criar silhuetas. Hara e Pereira (2019) demonstram que a percepção visual está diretamente relacionada à forma como a iluminação é distribuída.

É o conjunto desses fatores que determina as possibilidades de construção visual de um espetáculo. No caso de “Contos Irmãos Grimm: Era uma Vez no Circo”, as apresentações ocorreram em espaços com características distintas, nos quais as condições arquitetônicas e a iluminação disponível interferiram na composição da cena. Embora o espetáculo fosse o mesmo, as diferenças entre os locais resultaram em diferentes possibilidades de controle e direcionamento da iluminação.

Nos espaços que apresentavam maior possibilidade de controle da iluminação, tornou-se possível criar maior contraste entre a área de apresentação e o restante do ambiente. Essa condição favoreceu o direcionamento da atenção do público para os artistas e permitiu estabelecer diferentes atmosferas. Nesses casos, a iluminação assumiu função que ultrapassa a visibilidade, contribuindo para a organização dos momentos cênicos e para a construção da narrativa.

Em ambientes abertos, observa-se uma condição diferente. A presença da iluminação natural e de fontes luminosas externas reduz o controle sobre o contraste e interfere na percepção da luz cênica. Além disso, elementos existentes no ambiente passam a integrar a composição visual da apresentação. A arquitetura e o entorno podem atuar como parte da cenografia, enquanto a iluminação estabelece relações entre esses elementos e o espaço de atuação. Oliveira e Silva (2024) demonstram que a cenografia efêmera pode estabelecer relações com elementos existentes no espaço, fazendo com que o próprio ambiente participe da experiência cênica.

Já em espaços fechados e amplos, como ginásios ou locais destinados originalmente a atividades esportivas, as características arquitetônicas podem limitar a



construção da iluminação. A grande altura, a distância entre os equipamentos e a área de apresentação e a existência de superfícies extensas podem dificultar a concentração da luz sobre pontos específicos. Assim, a disposição dos equipamentos torna-se fundamental para garantir a visualização dos artistas e possibilitar que a iluminação cumpra sua função narrativa. As situações analisadas demonstram que a iluminação cênica não pode ser planejada independentemente do espaço arquitetônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das diferentes apresentações do espetáculo “Contos Irmãos Grimm: Era uma Vez no Circo” demonstra que as características arquitetônicas dos espaços interferem diretamente na construção da iluminação cênica e na percepção visual do espetáculo. Cada local apresenta condições específicas de iluminação, dimensões, superfícies e possibilidades técnicas, tornando necessária a adaptação dos recursos utilizados. Dessa maneira, o projeto de iluminação cênica pode ser compreendido como uma intervenção temporária sobre a arquitetura existente.

Embora o espetáculo seja marcado pela expressão corporal, pelo movimento e pela relação dos artistas com o espaço, a iluminação possui papel fundamental na organização da cena e na construção da narrativa. Sua função ultrapassa a necessidade de permitir que o público enxergue os artistas, pois pode destacar movimentos, criar atmosferas, estabelecer contrastes, delimitar áreas e transformar elementos arquitetônicos em componentes da cenografia. Dessa forma, a iluminação cênica aplicada ao circo pode ser compreendida como uma forma de cenografia efêmera, capaz de modificar temporariamente a percepção de um ambiente e estabelecer relações entre arquitetura, corpo, espaço e narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO/CIE 8995-1**: iluminação de ambientes de trabalho – parte 1: interior. Rio de Janeiro: ABNT, 2013.

DE BEM, Cláudia. Luz, espaço e matéria: uma tríade inseparável no processo compositivo do iluminador(a) cênico(a). **A Luz em Cena: Revista de Pedagogias e Poéticas**



Cenográficas, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 1-22, 2021. DOI: 10.5965/27644669020220210201. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/aluzemcena/article/view/21169>. Acesso em: 8 ago. 2026.

HARA, Americo Hiroyuki; PEREIRA, Fernando Oscar Ruttkay. Avaliação da adaptação visual em espaços de transição e permanência e o uso dos sistemas de iluminação artificial e natural. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 8, 2019. DOI: 10.34117/bjdv5n8-022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/2701>. Acesso em: 8 ago. 2026.

OLIVEIRA, Marcus Paulo de; SILVA, Cristina da Conceição. A cenografia efêmera e instigante, entre fios, postes e passarelas, segue pelas ruas para o cortejo. **A Luz em Cena: Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 1-25, 2024. DOI: 10.5965/27644669030620230203. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/aluzemcena/article/view/24455>. Acesso em: 8 ago. 2026.

TEIXEIRA, Jociel Carvalho; FREITAS, Walter Façanha. O uso da luz na composição cenográfica. **A Luz em Cena: Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2022. DOI: 10.5965/27644669010120210207. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/aluzemcena/article/view/19912>. Acesso em: 8 ago. 2026.